

ENCENAÇÃO DE ORIGENS NA AUTORIA FEMININA CONTEMPORÂNEA: A BUSCA IDENTITÁRIA NOS ROMANCES DE FILIAÇÃO

Alessandra Dalva de Souza Pajolla*

Resumo:

A desilusão com os projetos coletivos e ideologias, a crise do sujeito, as identidades fragmentadas na pós-modernidade são parte de um contexto que favorece as chamadas “narrativas do eu” no campo literário atual. A reconstituição das origens configura uma dinâmica narrativa presente em diversas obras: o retorno ao passado despido de nostalgia, marcado pela tentativa de explicar por meio das origens (reais e imaginárias) as lacunas identitárias. Os *romances de filiação* integram essa tendência e interrogam a ascendência como um mecanismo de resolver enigmas do presente. A obra *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa expõe o percurso de personagens que escavam as origens em busca de uma espécie de herança recebida sem testamento, sujeitos que se sentem afetados por circunstâncias ligadas à genealogia e a partir daí empreendem deslocamentos geográficos e temporais em busca de autoconhecimento e, sobretudo, pertencimento.

Palavras-chave: romances de filiação; identidade; genealogia.

As “narrativas do eu”

O teórico francês Dominique Viart (2008) identifica uma tendência literária em obras publicadas a partir dos anos 1980, menos ideológicas, mais voltadas às singularidades. Podendo ser traduzidas como “narrativas do eu”, elas ganham força nas últimas décadas, impulsionadas por fatores como o fim das reservas em relação ao sujeito e a desilusão com os grandes projetos coletivos e ideologias.

O sujeito contemporâneo, esse sujeito descentrado de que nos fala Stuart Hall (2006), é compreendido por Viart (2008) como aquele ao qual o passado lhe falta. Nesse contexto, a narrativa incorpora uma preocupação arqueológica. Ao interrogar os vestígios do passado, o narrador procura revelar uma parte de si mesmo. É nesse espelho voltado para ascendência, que o indivíduo contemporâneo tenta reconhecer-se, escrevendo uma história em que a ficção se mistura às memórias e a “narrativa do eu” à fábula familiar.

A profusão de autobiografias e autoficções publicadas nas últimas décadas é sinal de uma tendência em se investir nas origens. Com traços menos narcísicos, o chamado *romance de filiação*, se apresenta com um viés diferente. Ele toma emprestado e ao mesmo transgredir traços do *romance familiar*, do *romance das origens* e do *romance genealógico*, como práticas que se superpõe, se ajustam. No entanto, a narrativa de filiação abandona a

* Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mails: alepajolla@hotmail.com e alessandra@pajolla.com

cronologia, a linearidade entre nascimento e morte. O foco são momentos sintomáticos da vida, uma necessidade de exumar pequenos detalhes.

O *romance de filiação*, na ótica de Viart (2008), se define pelas questões contemporâneas. “Momento epistemológico, o romance de filiação responde ao mal-estar da modernidade”. Para ele, o sujeito se encontra em um tempo que desafia a herança familiar e a transmissão genealógica. Ele inventa e reinventa genealogias (Viart, 2008, p. 237).

Análise semelhante é empreendida pelo teórico Laurent Demanze (2008), ao tratar o escritor contemporâneo como um “herdeiro problemático”, que constrói as narrativas de filiação para exumar os vestígios de um patrimônio em ruínas e juntar os pedaços fragmentados de sua memória (Demanze, 2008, p. 9).

Os *romances de filiação* surgem a partir da década de 1980 sob uma égide psicanalítica. Não surpreende, portanto, que as histórias sejam povoadas por bastardos, enjeitados e órfãos, que as narrativas sejam assombradas por segredos em relação às origens, os quais que se procura elucidar. O narrador tenta escavar os silêncios, revelar mistérios, desembaraçar os mitos genealógicos. Ele deixou de ser um fiel seguidor de memória da família e passa a empreender a sua própria investigação. A emergência dos *romances de filiação* reflete um mal-estar em relação à origem, em relação à transmissão.

Muito comuns no cenário literário francês nas últimas três décadas, os *romances de filiação* despontam no Brasil, tornando-se mais frequentes nos últimos anos. As obras expõem o percurso de personagens que escavam as origens em busca de uma espécie de herança recebida sem testamento. Sujeitos que se sentem afetados por circunstâncias ligadas à genealogia e empreendem deslocamentos geográficos e temporais em busca de autoconhecimento e, sobretudo, pertencimento.

Os personagens indagam a ascendência na tentativa de preencher as lacunas do presente e de encontrar respostas em uma possível transmissão hereditária. Essas faltas, especialmente na infância, são preenchidas pela imaginação e com o tempo se converteram em fantasmas.

Idiorritmia em Azul-corvo

A ideia de uma marca que se adquire ao nascer, como se o fator biológico distinguisse ou definisse as pessoas por meio da semelhança, é desconstruída nos *romances de filiação*. É o caso de *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa, que narra o percurso da

personagem Vanja, uma menina de 13 anos em busca do pai biológico. Ela considera a genealogia de sua família “confusa” e “simples” ao mesmo tempo. Uma avó materna que morreu cedo. A mãe, Suzana, que fora viver com o pai nos EUA, mas rompeu o relacionamento com ele. E Elisa, uma tia adotiva.

Essa foi minha árvore genealógica até os treze anos de idade. Um homem e quatro mulheres em três gerações. Aritmética esquisita, amarrada como lenços coloridos dentro da cartola de um mágico. Uma árvore genealógica a qual faltam raízes e que em lugares de certos galhos tinha apenas gestos meio vagos, indicações, sugestões, deixa-prá-lás” (Lisboa, 2010, p.36)

Essas raízes incompletas povoam de fantasias o imaginário da personagem, a partir da morte da mãe. Ao se ver sozinha, a menina quer preencher essas lacunas. É o momento crucial, em que ela tem de escolher entre a imobilidade - ficar “parada” como se tivesse se transformado em um “vaso com flores de plástico em cima de uma estante” acalentando a ideia de que nada tinha mudado – e a mobilidade. Ela escolhe partir. “Era aquela a brecha que previa o impulso, o momento certo de pular clandestina dentro do trem de carga quando ele passa, se fosse essa a única maneira de sair por aí, e se fosse necessário sair por aí” (Lisboa, 2010 p. 65)

Vanja embarca para os Estados Unidos com tudo o que tem, uma mala de 20 quilos. Essa se leveza se contrapõe ao que de fato lhe pesa na vida: a ausência. Ela tentará encontrar o pai – um caso passageiro na vida de Suzana - seguindo as poucas pistas que possui. A menina espera encontrar na semelhança física, na herança genética, o pertencimento e as marcas de sua identidade híbrida, nem americana, nem brasileira. Reconhecer-se, enfim.

Para François Nouldemann, em *Pour en finir avec la généalogie* (2004), a origem não é uma prova, mas uma construção discursiva. Ele questiona a crença na aparência familiar como uma marca distintiva do sujeito, como se a transmissão biológica fosse sinônimo de transmissão identitária. Noudelmann (2004) desconstrói o paradigma genealógico, que naturaliza convenções a partir do pressuposto de semelhança familiar.

Com base nas três distinções propostas pelo teórico é possível analisar os *romances de filiação* sob a perspectiva contemporânea, com as novas configurações familiares e afetivas. Ele utiliza a noção de *semblance* como uma semelhança que não seria determinada pela transmissão, mas permitiria compreender a concepção de identidade não atrelada à genealogia e que se forja na criação de uma comunidade afetiva. Por esse prisma, as semelhanças se dão naquilo que “eu” sou em relação ao “outro” nesse conjunto, como se vê nessa obra de Adriana Lisboa.

Em *Azul-corvo* (2010), na jornada para refazer os passos da mãe e encontrar o pai biológico, Vanja formará uma comunidade afetiva com os personagens Fernando e Carlos. O primeiro é ex-marido da mãe, o homem que a registrara como filha a pedido de Suzana. É Fernando que a acolherá em casa e que vai ajudá-la nessa busca pelas origens. Carlos é um vizinho salvadorenho, imigrante ilegal, que se juntará a eles.

Três personagens deslocados em um lugar árido, que estabelecem um código familiar próprio, com bases muito diferentes dos que as relações baseadas na genealogia. É o que Noudelmann (2004) chama de “comunidade negativa” ou “comunidade de ausência” que reúne indivíduos que compartilham um silêncio, uma incompletude, uma insuficiência. Seria uma reunião de excluídos, que permite a multiplicidade de subjetivações. Esse modelo de filiação a uma comunidade não genealógica, ao mesmo tempo que define semelhanças, preserva identidades.

Enquanto busca o pai biológico, Vanja forma com Fernando e Carlos um arranjo familiar diferente. Os três formam uma comunidade em que é possível viver juntos, sendo absolutamente diferentes. Os filósofos Jean-Luc Nancy (1999) e Maurice Blanchot (1995) convergem para uma distinção entre um “*être-commun*” e o “*être-en-commun*”. No primeiro, a comunidade é concebida como igualdade, em que o “eu” se dispersa no comum; no segundo a singularidade é assegurada, pois significa “estar-em-comum” e não “ser-comum” a todos.

Essa perspectiva de singularidade assegurada na vida comunitária pode ser melhor compreendida a luz da *idiorritima*, proposta por Roland Barthes em *Viver junto* (2003). Ele fala de um “*viver junto*” em que cada um mantém o seu ritmo. Mas não o ritmo marcado pelo relógio, o ritmo no sentido repressivo do mundo atual, que sujeita os indivíduos a uma cadência cortante ou a uma implacável regularidade.

Barthes (2003) busca na etimologia da palavra, que vem de *rythmós*, o significado original: interstícios, fugitividade do código. Já as relações de poder resultam no oposto, na disritimia/heterorritmia. Para exemplificar, ele utiliza a imagem da mãe que puxa um garoto pequeno pelo braço, obrigando o filho a andar em um ritmo que não é o seu. Nas comunidades idiorrítmicas, aquelas que não são formadas a partir do paradigma genealógico, essa relação de poder desaparece. Cada um pode manter a sua individualidade.

Barthes (2003) descreve o bem-indiorrítmico como uma grande individuação, baseada nos seguintes princípios: a) objetivo comum (vencer, defender); b) consciência dos limites do grupo; c) capacidade de integrar; d) ausência de subgrupos internos ou

limites rígidos; e) cada um livre e importante e f) pelo menos três membros (relações interpessoais). De acordo com essas premissas. Vanja, Fernando e Carlos compartilham o bem-idiorrítmico.

Em algumas passagens de *Azul-corvo* (2010) esta configuração fica evidente. “Éramos um mundo de compatibilidades, estávamos irmanados, nos equivalíamos – e onde não nos equivalíamos, nos compensávamos”, diz a narradora sobre vínculo entre ela, Fernando e Carlos (Lisboa, 2010, p. 157). A personagem descreve essa relação como uma família improvável, multinacional, cheia de línguas diferentes e de sotaques diferentes da mesma língua, com idade e preocupações em tese incompatíveis. E que, no entanto, “ali estavam”.

O caminho trilhado por Adriana Lisboa (2010) nesse romance apresenta um universo muito rico, desnaturalizando a relação direta entre transmissão genética e aparência familiar. A narradora parte de uma fantasia em relação a sua origem. “Afinal, se as pessoas não me forneciam detalhes, eu tinha todo o direito moral de providencia-los eu mesma”. O encontro com a família biológica, no entanto, romperá com as expectativas iniciais, colocando em xeque a ideia de transmissão genealógica.

Vanja chega primeiro a Florence, avó paterna que desconhecia a existência da neta. Quando o parentesco lhe é revelado, a personagem fita a menina a procura de uma semelhança física. “Claro que Florence procurava Daniel⁶ em mim. Eu me perguntava se eu também teria o visto na foto do meu passaporte caso o tivesse conhecido, se o teria reencontrado na amálgama genética do meu rosto, ou se a minha mãe não precisava dos homens nem para isso.” (Lisboa, 2010, p. 190)

A narradora revelará mais tarde que a avó não encontrou nela características físicas familiares e nem “a neta que pediu aos céus”. De uma só vez, tanto a ideia de semelhança física quanto a projeção idealizada a partir da herança genética são descartadas. Florence só encontrou algo muito tempo depois, conforme explica Vanja: “um traço qualquer no sorriso, um milímetro de curvatura no lábio, que ela processaria ao longo dos anos seguintes até um dia me dizer, definitiva: você tem o sorriso do seu pai” (Lisboa, 2010, p. 199).

Nos romances de *filiação* contemporâneos, a linearidade que evidencia infância e morte em polos que orientam a vida, é substituída por narrativas fragmentadas. É nessa descontinuidade, naquilo o que incomoda os personagens no presente, que reside a

⁶ Daniel é o nome do pai biológico de Vanja.

necessidade de olhar para o passado não como alguém que o revisita, mas como alguém que precisa resolver pontos obscuros. Entendo que esse é o ponto central, e que o diferencia de outras formas de narrativas que envolvem o passado: não há cronologias, nem saudosismo, nem tom memorialístico, nem narcisismo.

Barthes (2003) evidencia ainda que, na vida-moderna, o espaço é artigo de luxo. Custa caro ter espaço, uma casa espaçosa, uma poltrona espaçosa em aviões. Assim, o que se busca é resolver essa contradição: ter espaço e viver junto. Uma distância que não quebre o afeto, seria essa a tensão utópica. Algo semelhante a “delicadeza”: distância e cuidado ou ausência de peso sem perder o calor intenso da relação.

Ao final de *Azul-corvo* (2010), nove anos depois de Vanja chegar nos EUA, Fernando estará morto. Carlos terá se mudado para viver com ela e ambos continuarão a comunidade idiorrítimica, próximos o suficiente para manter essa delicadeza que Barthes (2003) menciona, mas com espaço necessário para viver cada um, o seu ritmo. “Eu me mudei para o quarto que era de Fernando e o Carlos se mudou para o quarto que era meu e com essas pequenas migrações ficamos”.

Entendendo a filiação como processo, a transmissão deixa de ser concebida como inevitável ou automática, para ser entendida como construção. A narradora de *Azul-corvo* (2010) terá encontrado algumas vezes Daniel, o pai biológico. Mas foi com Fernando, que Vanja estabeleceu, de um jeito diferente do convencional, os vínculos de filiação.

A desconstrução da ideia determinismo familiar abre a possibilidade de representações identitárias menos restritas. O meu objetivo nessa pesquisa é estudar as configurações genealógicas imaginárias, utópicas, íntimas ou coletivas, maneiras outras de conceber filiações na literatura contemporânea. Entendo que o indivíduo moderno desafia o passado e a tradição, que ele considera obstáculos a sua liberdade pessoal. É uma renegociação do legado. Nos romances de filiação, a genealogia tem um caráter paradoxal de contestação e de legitimação.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland (2003). *Como viver junto*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes.

BLANCHOT, Maurice (1995). *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard.

DEMANZE, Laurent (2008). *Encres Orphelines*. Paris: José Corti.

HALL, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.

LISBOA, Adriana (2010). *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco.

NANCY, Jean-Luc (1999). *La communauté désouvréet*. 3 ed. Paris: Christian Bourgois Editeur.

NOUDELMANN, François (2004). *Pour en finir avec la généalogie*. Paris: Éditions Léo Scheer.

_____ (2012). *Les airs de famille*. Paris: Gallimard

VIART, Dominique (2008). *La littérature française au présent*. 2 ed. Paris: Bordas.